

Comunicação e Integração Latino-Americana: a participação da mídia local na construção da cultura e da identidade fronteiriça¹

Karla Maria Müller²
Vera Regina Serezer Gerzson³
Vera Lucia Specil Raddatz⁴
Marcelo Vicente Cândia Soares⁵

O texto traz reflexões sobre o papel da mídia na formação da cultura e da identidade fronteiriça, considerando diferenciações e aproximações pertinentes a distintos espaços de fronteiras nacionais do Brasil com seus vizinhos do sul da América Latina. Além de analisar os meios locais de comunicação, o estudo também está baseado nas falas do homem do lugar, o que permite constatar que essa mídia torna-se participante no processo de integração latino-americano e na construção simbólica do fenômeno fronteira e do ser fronteiriço.

Palavras-chave: comunicação, mídia fronteiriça, integração latino-americana.

South American Integration and Communication: The local media participation in the construction of the frontier culture and identity. This article brings reflections about the role that media plays towards the frontier culture and identity constructions, considering the differentiation and approximation regarding Brazilian national frontier spaces with its South American neighbors. Besides analyzing the local communication media, the paper also is based on the local voices, which reveals that the same media becomes a participant in the Latin America integration process and in the symbolic construction of the frontier phenomena and the frontier person.

Key words: communication, frontier media, integration, Latin America.

Este texto presenta reflexiones sobre el papel de los medios de comunicación en la configuración de la cultura e identidad de frontera, teniendo en cuenta las diferencias y enfoques relevantes en los distintos ámbitos de las fronteras de Brasil con sus vecinos del sur de América Latina. Además de examinar los medios de comunicación locales, el estudio también se basa en el habla de los lugareños, que permiten observar que los medios de comunicación contribuyen a la integración latinoamericana y la construcción simbólica del fenómeno de la frontera y del ser fronterizo.

Palabras clave: comunicación, medios fronterizos, integración latinoamericana.

¹ Artigo baseado em trabalho apresentado no IX Congresso da ALAIC, Grupo de Trabalho (GT) Comunicación y Estudios Socio-culturales, México, outubro/2008.

² Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação/Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rua Ramiro Barcelos, 2705, Sala 201D, 90035-007, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: kmmuller@orion.ufrgs.br.

³ FABICO/Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rua Ramiro Barcelos, 2705, Sala 512, 90035-007, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: vgerzson@uol.com.br.

⁴ Unijui. Rua do Comércio, 3000, Bairro Universitário, 98700-000, Ijuí, RS, Brasil. E-mail: verar@unijui.edu.br.

⁵ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Cidade Universitária, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Comunicação e Artes, 79070-900, Campo Grande, MS, Brasil. E-mail: mcancio@nin.ufms.br.

Cultura e mídia: protagonistas da contemporaneidade

Em primeiro lugar, num planeta atravessado por auto-estradas da informação, nada que acontece em alguma parte dele pode de fato, ou ao menos potencialmente, permanecer do 'lado de fora' intelectual (Bauman, 2007, p. 11).

A contemporaneidade nos aprisiona no contingente, no movediço, na liquidez dos conceitos mobilizados freneticamente. A complexidade do vivido produz problematizações e dissemina contradições por todos os lados. Para estudar as culturas nestes tempos de globalização e aprimoramento contínuo das tecnologias da informação e da comunicação, precisamos reconhecer seu papel na fragmentação e na reconfiguração dos dogmas, dos comportamentos e dos valores em sociedades, as quais se dizem abertas, plurais e democráticas. Se, por instantes, as fronteiras são diluídas entre povos e culturas, em outros, a convivência torna-se produtiva para resistir aos impactos econômicos e sociais que não cessam de gerar necessidades de reinvenção.

A mídia interage com os processos sociais de demolição e reestruturação e ao mesmo tempo promove e absorve mudanças. Acompanha e participa do esvaziamento e da composição de novas formas de convivência, onde a lógica da negociação permeia a constituição das culturas. Os múltiplos fatores envolvidos têm conotações econômicas, religiosas, sociais etc., sendo difícil mapear linearmente o poder de cada um deles. Por certo a mídia tem participação relevante, podendo oferecer a crítica e o espetáculo; o entretenimento e o consumo; a integração e a segmentação.

Neste texto não temos a pretensão de relatar como a mídia local participa da construção da identidade e da cultura fronteiriça em todas as fronteiras nacionais brasileiras. Relatamos algumas observações possíveis, a partir da leitura dos jornais, da rádio, da TV e da fala de sujeitos destes espaços. Buscamos em alguns autores aporte para ler, ouvir, ver e compreender as operações acionadas no processo de integração latino-americano por meio da mídia. E, com o referencial estudado, entendemos que cultura tem a ver com os significados, com a linguagem e a representação das coisas – objetos, pessoas, eventos – que carregam sentidos.

Nestor García Canclini apresenta uma definição operacional de cultura, considerando seu compartilhamento com várias disciplinas e diferentes autores, destacando sua complexidade:

Ao conceituar cultura deste modo, estamos dizendo que a cultura não é apenas um conjunto de obras de arte ou de livros e muito menos uma soma de objetos materiais carregados de signos e símbolos. A cultura apresenta-se como processos sociais, e parte da dificuldade de falar dela deriva do fato de que se produz, circula e se consome na história social (García Canclini, 2005, p. 41).

Desse modo, enfatiza que a concepção cambiante de cultura favorece o estudo de sociedades diversas e de suas intersecções como ocorre no caso das fronteiras, onde “os processos de globalização exigem transcender o alcance nacional ou étnico do termo a fim de abarcar as relações interculturais” (García Canclini, 2005, p. 48).

Hall (2005) também destaca a importância que a cultura tem assumido nos processos de desenvolvimento das sociedades, envolvendo o meio ambiente global, seus recursos econômicos e materiais. A produção, os meios de circulação e as trocas culturais, têm se expandido com as tecnologias e a revolução da informação, na qual a mídia ocupa um lugar de referência. Ela está implicada nos circuitos globais de trocas econômicas dos quais depende todo o movimento mundial de informação, conhecimento, capital, investimentos etc. Por um lado, seus produtos operam na constituição da cultura, por outro, ela também recebe influências locais e globais, articulando - com ela - discursos e representações.

Em sua obra, Hall (2005) alerta para a fragmentação das identidades culturais nestes tempos de globalização, questionando: “O que está acontecendo à identidade cultural na modernidade tardia? Especificamente, como as identidades culturais nacionais estão sendo afetadas ou deslocadas pelo processo de globalização?” (Hall, 2005, p. 47). Para o autor, as identidades nacionais são formadas e transformadas no interior da representação e no processo de globalização são deslocadas e constituídas pelos discursos. Segundo Hall (2005), a cultura nacional é um discurso que constrói sentidos e influencia nossas ações e a concepção que temos de nós mesmos e dos outros.

Os paradoxos e ambivalências culturais permeiam a constituição das identidades que são envolvidas em jogos fugazes, sem regras previamente estabelecidas e sem tempo hábil para negar o envolvimento nestas disputas. As comunidades e as populações interagem com situações

cambiantes e provisórias, como assinala Bauman (2005, p. 18-19) quando afirma que “em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados”.

Paralelamente, novas identificações globais e locais são produzidas, interferindo no cotidiano e na vida de cada local. A forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, mediando tudo, está presente nas vozes e imagens que circulam. A cultura na contemporaneidade é um elemento chave que circula por artefatos insidiosos, habilidosos e eficazes. Ela é trazida para os lares por meio da TV, da Internet, das revistas, do rádio etc., em suas estratégias cada vez mais sofisticadas, baseadas em pesquisas sobre os movimentos e preferências específicas dos públicos. Estas estratégias são compostas por recursos de áudio e vídeo, por propostas interativas que simulam processos de participação dos públicos, entre tantas outras habilidades sistematicamente aprimoradas pelas tecnologias e pelo marketing. A velocidade proporcionada pelas tecnologias da comunicação aproxima distâncias, transporta imagens e informações que viajam, aceleram e enredam numa teia sociedades com histórias distintas, diferentes modos de vida, em estágios diversos de desenvolvimento. Isto provoca deslocamentos culturais, homogeneização, produtos culturais estandardizados, uso de tecnologias ocidentais padronizadas, apaga as particularidades e diferenças locais, produzindo resultados distintos e imprevisíveis.

Sendo as culturas passíveis de observação e mapeamento, os jogos da linguagem, os sistemas de representação e os discursos em movimento estão presentes nas práticas sociais, os quais dependem e têm relação com os significados. Estes possuem condições culturais e discursivas de existência, pois, para existirem e produzirem efeitos, situam-se nos discursos disseminados pelos sujeitos.

Diversos autores sinalizam a expansão do papel da cultura nas esferas política e econômica e o esvaziamento das noções convencionais que até então marcavam seu referencial conceitual. Yúdice (2004) é um dos pesquisadores que defende o protagonismo da cultura e sua participação aumentada nesta era de envolvimento político decadente, de conflitos acerca da cidadania e de capitalismo cultural globalizado. Ao defender a instrumentalização da arte e da cultura para melhorar as condições sociais, o autor salienta sua utilidade como provedora de tolerância multicultural na participação cívica; no estímulo ao crescimento econômico; na proliferação de manifestações artísticas, criação de museus e incentivo do turismo cultural, por exemplo.

Esta legitimação da cultura seria resultante da globalização, a qual pluraliza o contato entre os povos, facilitando as migrações e problematizando o uso da cultura como expediente nacional.

A cultura e a mídia são estudadas como protagonistas da contemporaneidade, especialmente, pela interação entre ambas. Entre elas são geradas tramas produtivas, utilitárias e econômicas que servem a interesses e conveniências múltiplas. Kellner (2001) trata desta temática, reiterando a importância de leituras atentas das produções midiáticas, dada à importância que as mesmas adquiriram nas sociedades contemporâneas:

Contudo, em certo sentido, a cultura da mídia é a cultura dominante hoje em dia: substituiu as formas de cultura elevada como foco da atenção e de impacto para grande número de pessoas. Além disso, suas formas visuais e verbais estão suplantando as formas da cultura livresca, exigindo novos tipos de conhecimento para decodificá-las. Ademais, a cultura veiculada pela mídia transformou-se numa força dominante de socialização: suas imagens e celebridades substituem a família, a escola e a igreja como árbitros de gosto, valor e pensamento, produzindo novos modelos de identificação e imagens vibrantes de estilo, moda e comportamento (Kellner, 2001, p. 27).

Sendo as culturas e as identidades evasivas, escorregadias e em constante interação, sua observação é um desafio. Os registros encontrados nas mídias e nas falas dos sujeitos das localidades estudadas oferecem panoramas a serem compreendidos e problematizados. Ao observarmos, nos espaços fronteiros, estratégias de interação cultural, inventadas segundo necessidades localizadas, utilizamos a mídia como suporte de visibilidade destas convivências. O entrelaçamento entre as culturas emerge nos textos, nas falas, nas imagens dos meios de comunicação, nos ditos dos protagonistas da pesquisa, produzindo a fronteira em situação temporária, pontual, histórica e datada, mas passível de reflexão, problematização, compreensão e de intervenção.

Fronteira e fronteiroço: na visão do homem do lugar

Neste texto, não temos a pretensão de discutir teoricamente o conceito da expressão fronteira, nem como

o fenômeno é tratado pelos estudiosos e pesquisadores de diferentes áreas das Ciências Sociais e das Ciências Sociais Aplicadas⁶. Partimos do entendimento do fenômeno considerando as fronteiras nacionais geopolíticas como móveis, dinâmicas, porosas, de ligação (e não de separação), de constante interação e trocas (de bens materiais e simbólicos) entre os componentes das nações envolvidas nos espaços fronteiriços. Trazemos aqui a voz daquele que habita e movimenta os espaços de fronteira, para verificar qual o seu entendimento sobre o lugar e sobre si. Enquanto sujeito, cria e recria, por intermédio de suas práticas, o contexto local, considerando a formação do grupo pelo elemento humano e por organizações pertencentes a nacionalidades distintas.

Nossa fonte de análise compõe o material coletado no emprego da técnica de Grupo Focal (GF), realizada entre os anos de 2005 e 2006 nos quatro pontos de contato analisados: Santana do Livramento (BR) - Rivera (UY), Uruguaiana (BR) - Paso de Los Libres (AR), Ponta Porã (BR) - Pedro Juan Caballero (PY) e Corumbá (BR) - Puerto Quijarro (BO). Os dois primeiros espaços na fronteira do Brasil com o Uruguai e do Brasil com a Argentina, o contato ocorre através do Estado do Rio Grande do Sul; os dois últimos, na divisa do Brasil com o Paraguai e do Brasil com a Bolívia, através do Estado do Mato Grosso do Sul.

Observa-se que os habitantes dos espaços fronteiriços percebem o constante relacionamento com o outro. Por contingências deste convívio, têm a necessidade de continuamente se autoavaliarem, de definirem seu lugar de fala, sua condição de cidadão, sua identidade. O exercício, segundo suas falas, não é fácil e não cessa.

Esse exercício diário [de convivência] é um gerador constante de se saber os seus limites. Então é interessante a gente colocar o limite fora da gente, através da fronteira, ou da cerca, ou da porta de minha casa. É essa outra fronteira, que é a fronteira das línguas, da cultura, aonde a convivência humana tem que realmente transcender na busca do terreno comum, aonde nós podemos nos entender, independente da língua e das origens que a gente traz. Esse realmente é um desafio (GF, Livramento-Rivera).

A gente não consegue separar a história do nosso povo, quer dizer, é muito junto isso tudo, até porque, [...] se

nós formos observar, essa integração ela passa pelas famílias, se entrelaça (GF, Ponta Porã-Pedro Juan).

Para os que vivem aqui, a gente não vê o outro, a gente se vê no outro (GF, Corumbá-Puerto Quijarro).

Eu acho que o ponto positivo da fronteira é justamente isso, é você conhecer o outro. Se você se permitir e houver condições pra você conhecer. Você conhecer outra cultura (GF, Corumbá-Puerto Quijarro).

Quanto ao espírito nacionalista, para os argentinos da fronteira, que co-habitam o espaço com os brasileiros, o espírito nacionalista dos seus vizinhos é algo de dar inveja. O mesmo discurso é verificado na fala dos uruguaianos com relação aos brasileiros. O interessante é que os brasileiros dizem o mesmo de seus *hermanos*. Constata-se, assim, a importância da identificação com a nacionalidade: ao ver o outro, vejo a mim e reforço minha identidade nacional.

É o que eu mais admiro no povo argentino, eles têm aquele amor pela pátria, eles têm aquela garra (GF, Uruguaiana-Libres).

O pessoal do Paraguai ali é mais tradicionalista, em comparação com a gente. [...] preservam mais (GF, Ponta Porã-Pedro Juan).

A questão do nacional, colocado ao lado do internacional e do local, também está presente na vida do fronteiriço. O local, na medida em que comporta a linha de divisa e a presença de dois territórios nacionais distintos, chama para o enlace internacional, que requer mais atenção, pois qualquer impasse tem uma conotação de soberania dos países colocados frente a frente. Tensões nestes espaços, quando delicadas, em vários momentos da história, solicitaram intervenções das forças armadas e, segundo os fronteiriços, são conflitos que não trazem boas lembranças. Por isso, sua repetição é indesejável.

A semelhança na geografia dos dois lados é percebida e, evidentemente, também traz reflexos nas práticas socioculturais da região.

Mas, tem questões de geografia, por exemplo, tu pode (sic) adentrar no território argentino e adentrar no território brasileiro e a questão geográfica é pratica-

⁶ Esta discussão pode ser encontrada em textos que produzimos anteriormente como, por exemplo, em www.midiaefronteira.com.br.

mente a mesma, o pampa argentino, o pampa gaúcho... Em termos de história, as histórias dos dois povos até são bastante semelhantes, mas se tu notares, e aí vem a questão dos hábitos, e aí o rio faz essa diferença, em termos de alimentação, em termos de vestimenta, esses traços mais culturais que a gente nota essa diferença de fronteira (GF, Uruguaiiana-Libres).

A distância dos centros de poder e de decisão política e econômica, em nível regional e nacional, é uma queixa geral dos fronteiriços. Sentem-se marginalizados, esquecidos e prejudicados por estarem longe das capitais nacionais e por sua imagem vincular-se ao tráfico de drogas e ao contrabando, como se só isso fizesse parte da vida local.

Ser fronteiriço é isso, é ser esquecido muitas vezes (GF, Uruguaiiana-Libres).

A questão também negativa é que a cidade seja um possível corredor do tráfico de armas, ou de drogas, ou de crianças, ou de mulheres, enfim. Tu passa (sic) a ser muito visado nesse sentido, a tua cidade, no caso, quando tu é (sic) de fronteira (GF, Uruguaiiana-Libres).

E até hoje continuamos isolados, de certa forma (GF, Ponta Porã-Pedro Juan).

Isolamento. Porque você fica desconectado do restante do país (GF, Corumbá-Puerto Quijarro).

Mas, mais do que tudo, reconhecem o espaço como especial. O contexto possui culturas ricas, compostas de elementos diversificados, pertencentes à nação vizinha e a sua. É no campo cultural que destacam o processo de integração, de alteridade. Para eles, as artes - a literatura, as artes plásticas, o teatro, a música, as danças... - permitem mais (e melhor) a participação de expressões distintas, sem que haja disputa pelo mais belo, pelo melhor, pelo mais forte. Todos merecem destaque.

A diversidade é nosso maior patrimônio (GF, Livramento-Rivera).

Eu vejo uma riqueza cultural, nós aprendemos muito, principalmente pela diferença (GF, Livramento-Rivera).

Mas não é uma questão de cultura superior ou inferior, elas são apenas diferentes (GF, Uruguaiiana-Libres).

As pessoas se sentem bem com o povo de lá, e o povo de lá se sente bem com as culturas daqui, e se entrelaçam. Mas existe o conflito não conseguir se organizar essa integração (GF, Ponta Porã-Pedro Juan).

Também é a convivência dupla, você tem que conviver com língua diferente, com atitude diferente. [...] Não se sabe o que eles falam da gente também [...] A língua também acaba sendo estranha, e aí você tem que entender oportunhol deles, e eles entender (sic) o seu... (GF, Corumbá-Puerto Quijarro).

Como mencionado acima, outro elemento presente e destacado pelos fronteiriços diz respeito ao uso da língua falada no país vizinho. Marcas linguísticas são claramente verificadas entre eles, provocadas inclusive pelas trocas comerciais e, em especial, quando se distanciam do espaço fronteiriço, na medida em que são identificados, em outros espaços como da fronteira.

É raro porque são dois países, são dois povos, com dois idiomas e querendo ou não, acabam se fundindo em um (GF, Livramento-Rivera).

Então têm coisas que se confundem as culturas, como a música, as roupas às vezes; e tem coisas que são acentuadamente diferentes. A linguagem, e a língua, e às vezes pertences, objetos, que a gente fala mesclado. Já não sabe mais qual é a raiz, se é portuguesa, se é espanhola. Então tem muitas coisas, que os familiares vieram trazendo, e a gente continua repetindo. E isso a gente não percebe porque nós nascemos aqui, na fronteira. Agora quando vêm outros, eles já perguntam - dialetos, costumes. E nós achamos que não tem influência porque nos nascemos e vivemos aqui (GF, Uruguaiiana-Libres).

Eu vejo que todos os acontecimentos, desde o câmbio, até o comércio, e até a própria travessia da ponte, eles influenciam na vivência, tanto em Uruguaiiana como em Passo de Los Libres [...]. Então até o próprio comércio influencia na nossa linguagem no dia a dia (GF, Uruguaiiana-Libres).

E você ser fronteiriço é você aprender a conviver com essa diversidade. Estar disposto a se integrar a esse processo. Aí passa pela língua, passa pelo processo histórico. Você estar constantemente se reciclando. É necessário que

voce se recicle, por questões que se alteram. E da mesma forma, eles também buscam essa alteração (GF, Ponta Porã-Pedro Juan).

A questão da língua, o falar. Eles falam o espanhol, não estão nem aí se a gente entende ou não (GF, Corumbá-Puerto Quijarro).

Como fica evidenciado, nas palavras dos fronteiriços, viver na fronteira é um desafio constante. Há interação e integração de fato, ocasionadas pelas necessidades da construção e reconstrução do espaço de modo harmonioso, com respeito e dignidade.

Há controvérsias com relação à intensidade da integração. Pode-se observar que é mais delicada a relação dos habitantes fronteiriços do Brasil com a Argentina e com a Bolívia, mas inevitável. No convívio dos santanenses com os riverenses prevalece o espírito de irmandade. Não obstante, os brasileiros de Ponta Porã com seus vizinhos de Pedro Juan Caballero, embora os conflitos armados tenham trazido repercussões lastimáveis para a região, a relação é amistosa. Em diferentes momentos, há resistências ao processo integracionista, mas ele ocorre por meio de várias frentes, de modo contínuo, possível de ser verificado nos acontecimentos históricos, muitas vezes estimulados pela geografia semelhante dos lugares.

Pelos depoimentos dos fronteiriços, várias são as ocasiões em que afloram as marcas identitárias de quem vive num espaço considerado (por muitos conterrâneos e compatriotas, principalmente) como marginal. A consciência da presença de um “outro” é constante; o convívio entre indivíduos de nacionalidades distintas, co-habitando um mesmo espaço, faz parte do cotidiano; a alteridade e o respeito pelo outro é condição de sobrevivência para um relacionamento sem maiores atritos. Ser fronteiriço exige reconhecimento de que o território habitado vai além da questão da identidade nacional, e pressupõe um estado de ser que implica na aceitação das diferenças e manutenção de laços de afinidade e vínculos criados a partir das relações culturais e sociais.

Sabemos que não é possível pensar numa identidade fixa, com elementos definitivos, e, neste aspecto, o espaço fronteiriço facilita (de alguma maneira) o entendimento sobre o mosaico identitário do qual nos constituímos nos dias de hoje. Temos que nos permitir, de acordo com o momento (e a necessidade), dar abertura

e deixar prevalecer elementos que nos incluem num ou noutro grupo dos quais fazemos parte concomitantemente – ser brasileiro e ser fronteiriço. Embora a fronteira não esteja imune ao processo de desterritorialização, a partir de uma ideia de mundo globalizado, por outro lado, se desenvolve o florescimento de uma identidade que nasce por meio dessa relação intercultural e de troca, que permite a circulação de outros elementos que compõem o corpo da cultura local e fronteiriça.

O processo de trocas, de convivência e de intercâmbios faz parte da rotina de qualquer ser humano que vive em sociedade, mas na fronteira a existência de elementos pertencentes a grupos distintos exige interação constante e um dos canais em que este relacionamento pode ser verificado é na mídia. Esta, por sua vez, atua como um elemento que ao mesmo tempo em que reforça representações e práticas socioculturais já existentes, cria novos valores e significados a partir do que já existe, como é o caso dos jornais, das emissoras de rádio e canais de TV, cuja programação local exerce um forte impacto nessas comunidades, porque seu foco centra-se justamente nelas.

Mídia local fronteiriça: jornal, rádio e TV

Acho interessante, que a gente consegue observar que [...] ao mesmo tempo em que existe essa integração com diversidades de línguas, diversidades culturais, essa integração é conflitante ao mesmo tempo. Isso pode ficar evidenciado no próprio jornal daqui.

O que acontecia lá era tratado nos jornais de Ponta Porã. O que acontecia em Ponta Porã aparecia também nos jornais de Pedro Juan Caballero. E sempre procurando passar também essa imagem de integração da vida social.⁷

Concordamos com García Canclini (2008, p. 68) quando destaca que “por serem hoje os principais atores da comunicação dentro de cada país e entre as nações, o rádio, a televisão e o cinema, os discos, os vídeos e a Internet ganham importância para a coesão social e política”. Acrescentaríamos

⁷ Depoimentos coletados no Grupo Focal com multiplicadores de informação do espaço de Ponta Porã – Pedro Juan Caballero em 2005.

amos ainda dentro deste rol de atores, especialmente por conta da abordagem dada neste texto (espaços de fronteiras nacionais), a mídia impressa, como os jornais. Antes de tratar da mídia local, é preciso traçar algumas características e observações sobre o contexto local e a questão da fronteira.

O fenômeno fronteira tem chamado a atenção de pesquisadores do Campo das Ciências da Comunicação há algum tempo, em particular, no que tange à mídia local fronteiriça. Nesse sentido, trazemos ao debate algumas observações feitas a respeito do contexto sociohistórico dos espaços analisados.

Em Livramento e Ponta Porã, a formação das cidades estabelece uma fronteira conurbada, chamada também de fronteira seca; no caso de Uruguaiana e Corumbá, a ligação entre as cidades dos países envolvidos ocorre por meio de uma ponte, por isso são denominadas de fronteiras semiconurbadas. Cabe destacar que, nos quatro casos, a relação dos habitantes locais se dá em espaços urbanos, nos quais a vida social se processa com dinamicidade.

Historicamente, movimentos políticos e econômicos tiveram como palco estes espaços de divisas nacionais, envolvendo interesses divergentes por conquistas de territórios, movendo a linha divisória em momentos específicos. As marcas dessas disputas e batalhas estão presentes no consciente (ou inconsciente) dos habitantes locais, muitas vezes transmitidas por meio da história oral (ampliada pela imaginação), mas também encontrada em documentos de época, dentre eles o jornal impresso.

Observamos, assim, que, neste aspecto, a mídia tem papel fundamental. Ela participa ativamente dos acontecimentos, relatando os fatos, selecionando os atores que irão conduzir as cenas, definindo quais as práticas socioculturais que serão abordadas como notícia, entretenimento ou anúncios publicitários. Define também quais elementos serão considerados de importância para as comunidades

envolvidas, os quais merecem ser veiculados nas páginas dos jornais ou nos espaços radiofônicos e televisivos. Para essas empresas midiáticas locais, o material produzido tem por objetivo primordial atingir o público da fronteira, isto é, a recepção fronteiriça é definida como prioritária.

Para compor esta análise, consideramos os jornais *A Plateia* (produzido em Livramento), *O Jornal de Uruguaiana* (produzido na cidade que dá origem ao nome do jornal), *Jornal da Praça* (de Ponta Porã) e *Folha de Corumbá* (de Corumbá)⁸. Com relação à mídia sonora, as emissoras consideradas são: RCC FM (Livramento), 96 FM (Uruguaiana), Amambay FM (Pedro Juan Caballero) e Transamérica (Corumbá)⁹. A emissora de televisão de maior relevância nesta discussão é o canal local do município de Ponta Porã, TV Morena de Ponta Porã¹⁰, emissora¹¹ ligada à Rede Mato-Grossense de Televisão, pertencente a um grupo regional de comunicação (Grupo Zahran que também é proprietário da TV Morena, de Campo Grande, TV Morena Corumbá e outras emissoras no Estado de Mato Grosso).

Percebemos que os textos apresentados na mídia local são algumas das formas sob as quais os conceitos sobre fronteira vão sendo reforçados (ou negados). Os periódicos, as emissoras de rádio e TV podem (e devem) ser considerados como participantes que contribuem para definir as práticas socioculturais presentes naquele lugar, repassando informações que dão forma e sentido à cultura e à identidade, no caso específico, com marcas fronteiriças, demonstrando como se estabelece de fato a integração supranacional, por meio do local¹².

Mesmo empregando poucos vocábulos utilizados na língua do país vizinho, torna-se inevitável que os jornais e as rádios incluam em seus textos expressões que demonstram a mescla cultural entre os povos que habitam os dois lados da linha divisória¹³. Como já observamos em

⁸ O material no qual a análise da mídia impressa está embasada foi coletado em 2004 e faz parte do corpus da pesquisa *Comunicação, cultura(s) e identidade(s) fronteiriça(s)*, coordenada por Karla Müller e realizada junto ao PPGCOM/ UFRGS.

⁹ O material analisado integra o corpus da pesquisa *Rádio de fronteira: da cultura local ao espaço global*, que está sendo desenvolvida junto ao PPGCOM da UFRGS.

¹⁰ Em Pedro Juan Caballero existem duas TVs locais transmitidas via cabo: Telenorte e a TV Frontera. O alto custo para a instalação de uma emissora em canal aberto e também o desinteresse das redes sediadas em Assunção em ter uma estação regional na cidade têm contribuído para que Pedro Juan continue sem uma emissora de televisão local em canal aberto.

¹¹ A emissora local retransmite a programação nacional da Rede Globo e os programas regionais da TV Morena de Campo Grande.

¹² A posição da mídia local vai de encontro à da mídia nacional no que se refere ao conteúdo das informações sobre os acontecimentos ocorridos na linha divisória. Em muitos casos, quando eles dizem respeito aos países vizinhos e seu governantes, trata-os (não raramente) de modo pejorativo ou duvidoso.

¹³ Percebemos em estudos desenvolvidos sobre o tema que, embora o Guarani também seja considerado língua oficial no Paraguai, não há elementos que comprovem a utilização desta língua na mídia local.

estudos anteriores (que temos desenvolvido desde o final dos anos 90), a mídia produzida nos espaços de fronteira acaba acionando a estratégia de naturalizar as línguas mais empregadas na região, marcas culturais do local.

A prática de apresentar textos e falas em português e espanhol (ou castelhano, como os habitantes fronteiriços chamam o idioma, ou mesclar as duas numportunhol), de modo geral, é permitida pelos leitores e radiouvintes dos espaços fronteiriços. Ou seja, há a aceitação deste recurso, até porque é usualmente empregado nas falas da população fronteiriça. Nas ruas e nas casas do lado brasileiro, por exemplo, ouvem-se, com frequência, expressões do tipo: *hermano, buenos días, arriba, hasta la vista, muy bien, bienvenidos, bueno* etc. E se este hábito é corriqueiro e incorporado pelos fronteiriços, nada mais esperado que não crie impacto ao ser empregado em um texto radiofônico e/ou jornalístico. Mais ainda: é esperado que isso aconteça na mídia local, sujeito do contexto.

Ainda que, na maioria das vezes, as expressões em espanhol venham grifadas ou recebam destaque dos radialistas/locutores da mídia brasileira, verifica-se que esta estratégia é empregada com frequência nas páginas dos periódicos e nos programas radiofônicos, reforçando, por intermédio da presença destas marcas nos textos, as práticas socioculturais corriqueiras no espaço fronteiriço.

As emissoras estudadas caracterizam-se como rádios de Frequência Modulada (FM), e representam audiência significativa nessas regiões. Pelo fato de o rádio ser um meio eletrônico que ultrapassa as fronteiras geográficas, pode ser sintonizado dos dois lados da linha divisória. Tanto em Corumbá, quanto em Puerto Quijaro, Pedro Juan Caballero, Ponta Porã, Livramento, Rivera ou Uruguiana e Libres. Assim, fazer rádio implica estabelecer relações cotidianas com o país vizinho, dentro de perspectivas de interesses econômicos, sociais, políticos e culturais. Desse modo, as emissoras, mesmo sem ter a fronteira como foco principal, se preocupam em escolher pautas para seus programas que focalizem não apenas o território local e nacional, mas também aquelas que digam respeito à região onde as rádios têm alcance pelo dial, pois a audiência está presente nos dois lados e, inclusive, há a participação direta na programação por telefone ou Internet da população. Essa interação com o ouvinte permite que ele sugira temas, escolha músicas, dê sugestões, peça auxílio, critique e opine, não importando o país de origem.

A música e a utilização de expressões linguísticas que misturam o português e o espanhol são os principais elementos da cultura de fronteira que realmente aparecem na programação das emissoras. Ritmos como o tango, a cumbia, a guarânia, o samba e o pagode convivem nas rádios desses cinco países, sendo anunciados por locutores que no Paraguai, na Bolívia e na Argentina podem estar falando português, porque são profissionais brasileiros que trabalham em rádios do país vizinho. Encontrar locutores brasileiros em emissoras uruguaias é raro e não acontece em emissoras brasileiras, pois a legislação não permite. Mesmo assim, os locutores das rádios brasileiras não deixam de aplicar o idioma espanhol em suas falas. De vez em quando, misturam a língua do vizinho com a materna, de forma espontânea, porque isto é um comportamento rotineiro no lugar onde vivem, e o rádio reproduz boa parte das práticas orais do cotidiano da fronteira.

No caso da televisão na fronteira do Brasil com o Paraguai, nas cidades de Ponta Porã - Pedro Juan Caballero, o uso da língua do país vizinho não é percebido no material local que vai ao ar. A maior parte da programação televisiva assistida pelos fronteiriços¹⁴ ainda é de programação nacional, em ambos os lados da divisa. As emissoras locais possuem um lugar de destaque nestas sociedades fronteiriças, porque os telespectadores, mesmo recebendo maciçamente informações dos dois países, mantêm um interesse muito grande em saber o que ocorre nas cidades coirmãs. A programação local continua sendo valiosa e importante para o fronteiriço porque oferece a possibilidade das duas populações se inteirarem a respeito dos acontecimentos que estão ocorrendo no território em comum que habitam e, portanto, próximos de sua realidade.

A fronteira deixa de ser apenas o local onde a televisão está presente, para se tornar um fenômeno mais frequente nas telas deste veículo. Neste caso, os temas fronteiriços passam a fazer parte da pauta dessa televisão de proximidade fronteiriça. Esta é, em tese, a responsabilidade que estas emissoras locais possuem. Uma vez instaladas em regiões que abrigam dois povos que interagem de forma contínua e permanente, esta televisão pode se tornar agente de integração entre estes mesmos povos. Para a população local é muito importante contar com uma emissora de televisão que exiba em sua programação assuntos relacionados com a fronteira. O veículo pode se tornar um importante elo entre as duas sociedades

¹⁴ O material sobre televisão de fronteira utilizado como base para este artigo foi coletado nestes últimos anos e faz parte do objeto de análise da tese desenvolvida por Marcelo Vicente Cândia Soares junto ao PPGCOM/USP, já em fase de conclusão.

e contribuir significativamente nas trocas sociais que já ocorrem rotineiramente na vida e no cotidiano das cidades.

Essa conjugação de fatores favoráveis à população aumenta a responsabilidade das emissoras locais. Faz-se necessário que elas percebam a riqueza cultural e jornalística da região e procurem transmitir mais frequentemente (ou até diariamente) informações referentes ao outro país. O que acontece de um lado (informações políticas, governamentais, religiosas, agropecuárias, econômicas, educacionais, sociais, habitacionais, ambientais, esportivas, culturais, saúde) também pode interessar ao outro lado.

Os jornais fronteiriços, além de empregarem com frequência expressões do idioma do país vizinho, sentem-se obrigados a tratar dos acontecimentos ligados aos povos que ocupam o espaço local, isto é, membros das nações que habitam a fronteira, de modo a dar visibilidade a ambos os lados. Dessa forma, lêem-se, nas páginas dos periódicos, notícias sobre diferentes campos sociais, envolvendo os cidadãos e as instituições dos países cuja linha divisória está demarcando o território *logo ali*. Questões sobre meio ambiente, economia, segurança pública, política, entre outras necessitam ser tratadas por instituições públicas, privadas e organizações não governamentais (e pela mídia) de uma única forma. Caso contrário, soluções que estejam voltadas para só um dos lados da fronteira, não surtirão efeito na comunidade local.

Em alguns casos, os periódicos impressos, produzidos na região fronteiriça e para o fronteiriço, optam por criar cadernos (uma página ou uma coluna no mínimo) na língua do leitor do país vizinho. O jornal *A Plateia*, assim como o *Jornal da Praça*, por exemplo, reservam um espaço para que os uruguaios e os paraguaios, respectivamente, possam ler notícias de sua cidade, do seu estado e até do seu país. O idioma é o espanhol, e a redação dos textos é feita por jornalistas e/ou repórteres provenientes dos municípios estrangeiros ao lado.

Mesmo que não haja um espaço especial para textos em espanhol, a atenção com o que passa do outro lado da rua ou da ponte tem conotação, não raras vezes, de acontecimento local. Decisões tomadas pelas autoridades ou por empresários do município fronteiriço vizinho têm repercussões em toda a comunidade, por isso passam a ser tratadas como de interesse geral da população que habita ambos os lados da linha divisória.

Verificamos também que não são somente as notícias e reportagens envolvendo os dois países que delatam o fenômeno fronteira. Nas páginas dos jornais, podem ser encontradas poesias, anúncios publicitários, enfim, textos que demonstram que o público-alvo destas mídias

é composto por leitores de duas línguas (e duas nacionalidades) distintas. Não somos ingênuos em pensar que esta prática diz respeito apenas à questão social do contexto. Ela também tem relação direta com fatores econômicos (pois amplia o grupo de assinantes e compradores dos jornais) e políticos (já que representa uma estratégia de boa vizinhança).

A publicidade no rádio, por exemplo, carrega as marcas linguísticas dessa integração, pois os anúncios são gravados ora em espanhol/castelhano, ora em português, dependendo do desejo do anunciante e do público que ele quer atingir. Outro aspecto interessante também é que as emissoras comunicam-se com seus ouvintes nas duas línguas, sendo muito comum no Paraguai, na Argentina e na Bolívia, locutores brasileiros assumirem programas nas rádios desses países. O mesmo não se dá em relação ao Uruguai e ao Brasil, em função da legislação.

Considerações finais

A mídia da fronteira funciona como a representação concreta das relações que se estabelecem na sociedade, a partir dos interesses e desejos desta, decorrentes das crises, conflitos e necessidades que se criam no dia a dia de vizinhança. O rádio de fronteira capta esses fluidos e energias que estão no ar e transforma-os não apenas em notícia, mas em voz; o jornal impresso transforma-se em documento, registrando em suas páginas as práticas socioculturais colocadas em curso pelos habitantes locais; a TV transmite na sua programação os fazeres do homem local, impregnados de elementos que destacam as peculiaridades da vida nos espaços de fronteiras nacionais.

A realidade da fronteira é única. Os meios de comunicação precisam dar conta dos fatos dentro de um contexto de nação. Desdobram-se entre sua natural dinamicidade, sendo eficientes enquanto mídia que reconhece o seu alcance e o espaço físico, o qual não diz respeito apenas ao seu país de origem, mas ao contexto local como um todo. Mesmo que quisessem – rádio, TV e jornal – não poderiam resistir às marcas do outro no espaço local. Estes sinais concretizam-se não só nas palavras, nos sons e imagens que ilustram as páginas, nas ondas sonoras e televisivas, mas também a partir de seus agentes, dos sujeitos trazidos à cena, dos acontecimentos e do próprio cenário, permeados de características demarcatórias de um espaço diferenciado: o de fronteiras nacionais.

O fato de mais de uma língua – e até três, no caso da fronteira do Brasil com o Paraguai – estarem colocadas lado a lado, sendo empregadas por falantes de uma mesma comunidade, solicita atenção especial sobre o que ocorre nas fronteiras e sustenta diferenciais do fenômeno em espaços urbanos (conurbados e semiconurbados). Ela está presente em todos os momentos e, em grande parte, também na mídia local. Como a cultura passa também pela reprodução linguística, e a identidade tem origem na cultura, percebemos a importância de considerar este elemento como fundamental para pensar uma integração entre povos de distintas nações. Apesar das diferenças culturais e linguísticas que, na região de fronteira, tendem a ser amenizadas pela convivência e pelas relações humanas, o rádio, o jornal e a televisão de fronteira reproduzem possibilidades de vida, quase como resposta às angústias existenciais ou sociais. Por meio da língua, das imagens, da música e da informação, produzem cultura ou propiciam alternativas para sua manifestação. A mídia local é copartícipe que, ao informar, transmite ideias e ideias diversificados.

Os meios de comunicação fronteiriços incorporam os elementos fundamentais da vida cotidiana, como as relações sociais, os fatos do cotidiano. Essas relações encontram na mídia local espaço público para a sedimentação e se ampliam ainda mais, porque não estão apenas restritas ao plano pessoal. Ao mesmo tempo em que supõem e propiciam a ligação entre os ouvintes, leitores e telespectadores de nações vizinhas, o jornal, o rádio e a TV se apropriam das mensagens para também fortalecer sua função de meios de comunicação num espaço de domínio público. O binômio mídia e fronteira tem sido abordado há algum tempo em nossas discussões, sendo incrementado mais recentemente – como resultado das demandas que o fenômeno solicita – o tema integração latino-americana.

Não estamos afirmando, nem apregoando a existência de uma única cultura e uma única identidade fronteiriça. Assim como mudam os conceitos e as concepções das coisas, a cultura como elemento vivo constrói novos tons. Nesse contexto, os meios locais de comunicação podem interagir como mediadores na construção de culturas e identidades coletivas de fronteira, considerando as particularidades e as similaridades desse contexto. Assim, dentro dessa perspectiva, a mídia de fronteira estimula o desenvolvimento não apenas de unidade cultural e de um

processo integracionista de fato, mas provoca reflexões sobre a realidade, questionamentos a respeito das relações existentes entre os hemisférios de fronteira, redescobrimo valores dessas sociedades e de como elas interagem.

Acreditamos que a diversidade está presente em todos os espaços sociais, representada e reforçada pelas práticas socioculturais dos agentes – no caso os fronteiriços –, incluindo aqui o ser humano e as instituições, isto é, a vida social organizada. O homem fronteiriço persegue constantemente integrações que possibilitem, aos habitantes de ambos os lados, convívio harmônico, capaz de auxiliar a vencer as adversidades locais, peculiares aos espaços fronteiriços, muitas vezes vistos como marginais. Percebemos que há peculiaridades em cada uma das fronteiras nacionais analisadas e que estas refletem as características do lugar. Mesmo assim, dizemos existem elementos semelhantes às fronteiras nacionais que estão presentes no cotidiano das comunidades e, por conseguinte, nos meios de comunicação locais, sujeitos ativos dos processos sociais em curso.

Referências

- BAUMAN, Z. 2007. *Tempos líquidos*. 1ª ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 119 p.
- BAUMAN, Z. 2005. *Identidade: entrevista a Benetto Vecchi*. 1ª ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 110 p.
- GARCÍA CANCLINI, N. 2008. *Latino-americanos em busca de um lugar neste século*. 1ª ed. São Paulo, Iluminuras, 144 p.
- GARCÍA CANCLINI, N. 2005. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. 1ª ed., Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 223 p.
- HALL, S. 2005. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed., Rio de Janeiro de Janeiro, DP&A, 102 p.
- KELLNER, D. 2001. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. 1ª ed., São Paulo, EDUSC, 454 p.
- YÚDICE, G. 2004. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. 1ª ed., Belo Horizonte, Editora UFMG, 615 p.

Submetido em: 01/07/2009

Aceito em: 18/10/2009